

## Um missionário protestante em Urucará: a trajetória de Clinton Thomas entre os Estados Unidos da América e o Brasil

CÉSAR AQUINO BEZERRA

Bolsista Fundação de Amparo e Pesquisa do Amazonas – FAPEAM  
Mestrando do Programa de Pós Graduação em Historia – PPGH/UFAM<sup>1</sup>

JÚLIO CLAUDIO DA SILVA

Professor Adjunto do colegiado de História/UEA/Brasil  
Professor do Programa de Pós Graduação em Historia – PPGH/UFAM / Brasil

### Resumo:

*Nosso trabalho volta-se a analisar o processo de inserção do protestantismo missionário na região Norte do Brasil na segunda metade do século XX, tomando como estudo a trajetória do norte-americano Clinton Benjamin Thomas (1930-2007) e a Igreja de Cristo em Urucará, cidade do Baixo Amazonas. Traçamos nosso itinerário de construção de uma pesquisa histórica no interior do estado do Amazonas, iniciada no ano de 2017, tomando o alargamento das fontes históricas, no desafio de constituir um acervo documental. Primeiro, através do encontro com familiares de Clinton Thomas e do processo de arquivamento de si e da própria vida realizado pela família. Em diálogo com estes suportes de memória e com contemporâneos das ações e trajetória de Clinton Thomas, pesquisador e colaboradores construíram uma segunda tipologia de fontes, as fontes orais. Os documentos produzidos pela Igreja de Cristo nos Estados Unidos e no Brasil constituem a terceira tipologia de fontes arroladas em nossa pesquisa. Dessa forma, nossa pesquisa demonstra a chegada da Igreja de Cristo ao Brasil; a trajetória missionária de Clinton Thomas, sua chegada e pioneirismo no campo religioso urucaraense; a atuação social do missionário Thomas, revelando sua legitimação junto à população; as*

---

<sup>1</sup> UFAM – Universidade Federal do Amazonas.

*relações com o catolicismo, em uma conjuntura de transformações para o cristianismo a nível local e mundial.*

**Palavras-chave:** protestantismo na Amazônia; história do Amazonas; Clinton Thomas.

## INTRODUÇÃO

Território marcado pela dominação do catolicismo, herança dos colonizadores, o Brasil viu chegarem os primeiros missionários protestantes na terceira década do século XIX, o que se acentuou a partir da segunda metade do século. Dois tipos de protestantismos entraram no país nesse período: o primeiro, identificado como *de imigração* ou *de colonização*, tinha origem na Alemanha e Suíça; o segundo, identificado como *de missão*, era de procedência norte-americana, com influências inglesas (MENDONÇA, 1998). Conforme o autor, no final do século XIX, as principais denominações protestantes tradicionais dos Estados Unidos e Europa já fincavam raízes no Brasil. Na Amazônia, a presença protestante norte-americana faz-se notar a partir da segunda metade do século XIX (OLIVEIRA; PINTO, 2017), período marcado pelo crescimento da economia gomífera, pelo aumento demográfico e pelo desenvolvimento de Belém e Manaus. Registros de viajantes indicam que razões comerciais também justificam as missões na região, pois as potências estrangeiras reconheciam a importância da Amazônia e o abandono desta pelo Estado brasileiro. Segundo Oliveira e Pinto (2017), os estrangeiros ansiavam também pela abertura do rio Amazonas à navegação e ao comércio internacional. Os relatos desses primeiros missionários deixam revelar suas estratégias de evangelização associadas ao projeto de civilização, orientados pelos ideais de progresso norte-americano.

A proclamação da República, com suas ideias de estado laico e de liberdade religiosa, beneficiou o proselitismo protestante. Nesse cenário, a hierarquia católica percebia a expansão do novo movimento religioso como ameaça à consolidação da sua hegemonia. De acordo com Lopes (2010) e Maciel (2014), os bispos denunciavam o protestantismo como um perigo não apenas doutrinário, mas também geopolítico, alertando que a presença dos estrangeiros e sua outra forma de

cristianismo eram uma ameaça à integridade do território nacional e, por isso, precisavam ser combatidas.

Inserido nesse contexto, o protestantismo amazônico configura-se como missionário e conversionista. Segundo Oliveira e Pinto (2017, p. 106), “os primeiros missionários protestantes que fizeram parte do projeto de propaganda protestante na Amazônia prepararam as bases para o estabelecimento das primeiras igrejas evangélicas na região”. Dentre esses estiveram metodistas, anglicanos, batistas, presbiterianos, adventistas e pentecostais (PANTOJA, 2011; OLIVEIRA, 2012; CARVALHO, 2015; OLIVEIRA; PINTO, 2017; TORRES NETO, 2019), todos estabelecidos na Amazônia até as primeiras décadas do século XX. Concomitantemente a isso, a Igreja Católica, desde o começo da República (LOPES, 2010; MACIEL, 2014), procurou garantir junto aos fiéis amazônidas a hegemonia das doutrinas do cristianismo estabelecido por Roma, como também parece o caso da região do Baixo Amazonas na segunda metade do século XX (CERQUA, 2009; SILVA, 2018).

Nessa conjuntura de possíveis tensões e de tentativa de controle da Igreja Católica sobre os seus fiéis, e amparados nas décadas de entrada de missionários protestantes norte-americanos na região, a família de Clinton Benjamin Thomas chega a Urucará, em 1965, instalando uma missão religiosa fundadora da primeira igreja protestante da cidade amazonense. A partir de sua trajetória, lançamos ao desafio de construir uma pesquisa histórica no interior do Amazonas.

## **UMA PESQUISA HISTÓRICA NO INTERIOR DO AMAZONAS**

As tradicionais fontes históricas estão disponíveis em Manaus, nas instituições de guarda de documentos, como arquivos públicos, museus e bibliotecas, mas, em uma região de grandes distâncias, acessá-las nem sempre é possível. Além disso, o Amazonas apresenta várias possibilidades de pesquisa, não restritas às fontes oficiais na capital. Contudo, a falta de sistematização de documentações no interior atrasa o labor científico. Em função disso, torna-se necessária a construção de outros acervos documentais e da pesquisa histórica no interior do Amazonas.

Para tanto, somos devedores à revolução historiográfica do século XX, a qual promoveu o alargamento dos territórios do historiador e consequentemente da noção de documentos históricos (BLOCH, 2001). Os *Annales* rompem com a ideia de fonte isenta e pronta para revelar o passado, e apresentam-nos a história-problema, a qual se beneficia da possibilidade de o documento gerar diversas leituras. E isso se relaciona diretamente “com o sentido que o presente confere a tais personagens ou fatos” (KARNAL; TATSCH, 2013, p. 13).

Tais discussões historiográficas nos permitem tomar a definição de documento histórico de Karnal e Tatsch (2013, p. 24): “qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita”. Amparados nessa noção ampliada de fonte, procuramos construir uma pesquisa histórica no interior do Amazonas, discutindo a constituição de um acervo específico, a partir da trajetória de Clinton Benjamin Thomas.

O primeiro contato com Clinton Thomas deu-se no segundo semestre de 2017, em uma reunião de orientação no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA). Uma colega, moradora de Uruará, Amazonas, apresentou-nos a história de um missionário norte-americano que instalara a primeira igreja protestante de sua cidade, a Igreja de Cristo, e por décadas ofereceu também serviços médicos para a população. Esse missionário também teria sido mecânico, e sua esposa, Phyllis Thomas, professora de língua inglesa.

A temática atraiu a curiosidade, mas uma primeira pesquisa por produções científicas não encontrou resultados. Nem a trajetória de Clinton Thomas, nem a de seu movimento religioso despertara interesse na academia brasileira até então, ainda que a Igreja de Cristo, um movimento bicentenário, se tenha revelado um campo de estudos prolífico nos Estados Unidos. A mesma colega nos informou que dois filhos do missionário Clinton ainda residiam em Uruará e que era conhecido da população o arquivo de imagens de que um deles dispunha. Ele publicava, em uma rede social, fotos antigas da cidade, da família e da igreja, alcançando muitos moradores, desejosos de conhecer mais da história de seu município. A possibilidade de investigar a trajetória de Clinton Thomas e como esta se relaciona com os processos de inserção do protestantismo no Amazonas, bem como

suas ações sociais e legitimação, levaram-nos à primeira viagem a campo, em busca de entrar em contato com a família do missionário.

Assim, encontramos-nos com Thomas Joel Thomas, conhecido como “Tomé”, que se mostrou disposto a não apenas colaborar com uma pesquisa acadêmica, como fazer conhecida a história de vida de seu pai. Tomé, um ex-mecânico, compartilhou conosco o material de seu acervo, recolhido a partir das inúmeras fotografias tiradas por sua família, tanto em Uruará como nos Estados Unidos. Esse material visual reunido por Tomé Thomas remonta a antes da chegada dos missionários ao Brasil, na segunda metade da década de 1950, revelando a prática do arquivamento da própria vida, realizada por Clinton Thomas e seus familiares.

Segundo Artières (1998, p. 11), “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. A família Thomas produziu centenas de fotos ao longo de suas vidas nos dois países, como demonstrado em nosso encontro com Tomé Thomas. Artières (1998, p. 14) considera que o álbum de retratos é “a memória oficial da família”, portanto sua não existência “constitui uma falta. É um dever produzir lembranças; não fazê-lo é reconhecer um fracasso, é confessar a existência de segredos”. Isto se revela na construção do grande arquivo de Tomé Thomas, no trabalho de compilar esse material, pois essas fotos são, para ele, “patrimônio de família. Fotos adquiridas, que mamãe, papai, meu irmão, meu avô, tiraram... e guardado como patrimônio de família.” Tomé Thomas foi acumulando-as “através do tempo”: “onde acho oportunidade, eu vou pegando cópias para minha coleção também”. Um trabalho que lhe custou muito: “é muitos anos de acumulação, e muitas horas também vendo fotografia, *slide*. E negativo. É muito trabalho.”<sup>2</sup>

Na segunda viagem a campo, em 2018, tivemos contato com Timothy Benjamin Thomas, filho mais velho do missionário Clinton. Mais conhecido como “Timóteo”, este seguiu os passos do pai, sendo também um missionário. A compilação de materiais familiares realizado por Timóteo não se restringe a fotografias. Os documentos que compartilhou conosco incluem diversos manuscritos de sua própria

---

<sup>2</sup> Entrevista com Thomas “Tomé” Joel Thomas, realizada por César Aquino Bezerra..., em 19 ago. 2017, em Uruará/AM.

autoria, tanto em língua inglesa como em português, sobre a Igreja de Cristo, remontando ao final da década de 1970. Esses documentos revelam as percepções do missionário Timóteo Thomas sobre o estabelecimento e crescimento da sua igreja, abrangendo o Norte do Brasil, e configuram-se também como relatórios da missão em terras brasileiras para a igreja norte-americana.

Artières (1998, p. 16) considera que outras motivações, além das pressões familiares, levam ao arquivamento da própria vida, pois “manter arquivos da própria vida seria considerado uma contribuição ao conhecimento do gênero humano”. Quando questionamos Tomé Thomas sobre o destino para esse material, ele revelou que não quer mantê-lo guardado: “Não, porque eu acho que o patrimônio de Urucará tem que ser disponível, para as pessoas, né”. Por isso publica as fotos em sua rede social, atraindo a atenção da população. Seu objetivo é contribuir com a história da cidade: “eu quero que as pessoas conheçam o passado de Urucará”.<sup>3</sup> Tomé Thomas e provavelmente também Timóteo Thomas concordariam com a afirmação de Artières (1998, p. 32): “o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública”.

Tais encontros e diálogos contribuíram para o avanço da nossa investigação, fortalecendo não apenas nossa rede de contatos, mas as fontes da pesquisa. Ter em mãos aquilo que Bacellar (2014) chama de arquivos privados permite o acesso a ricas contribuições no ofício historiográfico. Dentre as possibilidades de construção de acervos para o estudo da história do Amazonas, e a partir de nossa investigação da trajetória de Clinton Thomas, outras fontes revelaram-se, ampliando nosso olhar e permitindo comparações.

Uma parte do nosso *corpus* documental foi fornecida pelos *sites* Movimento de Restauração<sup>4</sup>, mantido por membros da Igreja de Cristo no Brasil, e World Convention<sup>5</sup>, da Convenção Mundial das Igrejas de Cristo. Interessada em falar de si e para si, a Igreja de Cristo reuniu diversos artigos em seus *sites*, os quais nos permitem traçar a história e levantar dados do movimento desde a sua fundação, no início do século XIX, a eventos do século XXI na igreja brasileira. Um terceiro

---

<sup>3</sup> *Idem*.

<sup>4</sup> MOVIMENTO DE RESTAURAÇÃO. Foram realizados vários acessos ao site para consulta, bem como arquivamento de páginas. Disponível em: <<http://movimentoderestauracao.com/>>.

<sup>5</sup> WORLD CONVENTION. Foram realizados vários acessos ao site para consulta, bem como arquivamento de páginas. Disponível em: <<https://www.worldconvention.org/>>.

site, Brazil Christian Wiki, trazia uma proposta *wiki*, relacionando os missionários que atuaram no Brasil; contudo, este não se encontra mais disponível.

As fontes da Igreja de Cristo foram nossos primeiros objetos de análise, ainda nos primeiros dias antes dos contatos em Uruará, pois nos forneceram não só um pequeno perfil de Clinton Thomas, mas também uma compreensão da história do movimento e da chegada ao Brasil, além de terem pontuado sua trajetória dentre as dezenas de famílias de norte-americanos que vieram ao Brasil dentro desse projeto missionário e conversionista.

Contudo, desde os primeiros momentos, ao tomarmos conhecimento de Clinton Thomas e de sua trajetória em Uruará, percebemos a importância da história oral para esta investigação, por permitir “a democracia de vozes” (GATTAZ; MEIHY; SEAWRIGHT, 2019) e ser uma metodologia constituidora de suas próprias fontes (ALBERTI, 2014).

Assim, para nossa investigação, aponta-se como essencial discutir a memória, a qual, segundo Pollak (1992), apresenta flutuações, dependentes das motivações pessoais ou políticas em que é expressa, sendo concebida como uma construção social e individual. Para o autor, memória e identidade apresentam um constante caráter conflitivo, em confrontos sociais e intergrupais, o qual se faz presente em memórias familiares, memórias de grupos menos formais, grupos políticos ou ideológicos, como, aliás, pode ser a trajetória de Clinton Thomas.

As discussões sobre a memória e suas relações com a história permitiram sua inserção no território historiográfico, e nisso a metodologia da história oral ocupa um espaço privilegiado (FERREIRA, 2012), pois permite, conforme Alberti (2014, p. 155), “o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, assim sendo, amplia as possibilidades de interpretação do passado”.

Para a constituição de suas fontes, a história oral promove a realização de entrevistas “com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2014, p. 155). Dessa forma, segundo a autora, a entrevista nasce da interação entre o entrevistado e o entrevistador, e pela narração aquele transmite o acontecimento que viveu.

Para não cairmos na escrita de um texto laudatório sobre um missionário protestante estrangeiro, Ferreira (2012, p. 183) alerta que as memórias, “mais do que possibilitar uma compreensão do passado, atuam no tempo presente”. Ou seja, “é essencial compreendermos que a memória não é apenas do passado, mas é o passado que se projeta no presente” (MONTYSUMA, 2019, p. 60). Portanto é necessária atenção ao papel do historiador; como fonte, a entrevista precisa ser interpretada e analisada, e da crítica daquela passamos à escrita da história (FERREIRA, 2012; ALBERTI, 2014; MONTYSUMA, 2019).

Considerando a teoria historiográfica, no trabalho em campo, realizamos entrevistas com a família Thomas e alguns moradores de Urucará. Neste artigo apresentamos tão somente recortes da primeira entrevista com Thomas “Tomé” Thomas.

Nosso *corpus* de entrevistas, já reunido, além de permitir identificar as memórias sobre as atividades da família Thomas no Norte brasileiro e as relações do missionário e sua igreja com a sociedade urucaraense (BEZERRA; SILVA, 2018, 2020), abre ainda oportunidade para outras entrevistas, não somente em Urucará, pois a rede de relações de Clinton Thomas transcende os limites do município e mesmo do estado.

A investigação sobre o protestantismo amazônico, um dos eixos da nossa pesquisa, estando ainda nos seus primeiros passos, parece não ter se apropriado da história oral como método para compreender a inserção religiosa e social das igrejas. A religiosidade católica e a pentecostal parecem atrair maior investigação, como os trabalhos de Pantoja (2011) e Oliveira (2012), mas o protestantismo missionário estrangeiro, cuja ação social é ao mesmo tempo legitimadora da presença e porta para o proselitismo, como demonstra Torres Neto (2019), apresenta-se como um campo amplo com diversas lacunas.

Como Pizarro (2012), reconhecemos a Amazônia como espaço de complexidades, comportando muitas vozes, que revelam a multiplicidade de um universo com diversidade humana e social, com aproximações e tensões. Portanto nossa proposta é não reproduzir discursos que nascem em uma perspectiva colonial, que veem a Amazônia como carente da intervenção, ajuda e visão externas; antes, o acervo por nós já construído, primeiramente no âmbito do Grupo de Estudos Históricos do Amazonas (GEHA/UEA/CNPq), para apreender os processos históricos, sociais e culturais envolvidos na trajetória de

Clinton Thomas é uma dessas possibilidades que procuram ouvir as vozes das comunidades amazônicas e estudar suas próprias narrativas.

## **CLINTON THOMAS E A IGREJA DE CRISTO**

A partir dessas primeiras investigações, podemos responder quem foi Clinton Benjamin Thomas. O missionário nasceu em 28 de setembro de 1930, em Williamsport, Pensilvânia, filho de Benjamin e Lucinda Thomas, e formou-se no seminário da Igreja de Cristo, o Johnson Bible College<sup>6</sup>, em 1955. Sua companheira, Phyllis Eleanor Thomas, nasceu em 26 de dezembro de 1934, também em Williamsport. Ambos desenvolveram suas experiências e trajetórias religiosas na Igreja de Cristo na Pensilvânia e, da sua união, tiveram três filhos: Timothy (1956), Theodore (1959) e Thomas (1964).<sup>7</sup>

Seu movimento, a Igreja de Cristo, é formado por um conjunto de igrejas também conhecido como Movimento de Restauração ou Movimento Stone-Campbell, herdeiro de diversos movimentos protestantes, como o pietismo alemão, o metodismo inglês e os grandes despertamentos norte-americanos.<sup>8</sup> Seus pioneiros foram os pastores Barton Stone (1772-1844), Thomas Campbell (1763-1851), Alexander Campbell (1788-1866) e Walter Scott (1796-1861), que iniciaram movimentos reunindo milhares de pessoas no começo do século XIX, em busca do retorno ao cristianismo primitivo, da unidade dos cristãos e da valorização da Bíblia.<sup>9</sup>

Os membros do grupo liderado por Stone preferiam ser chamados apenas de “cristãos”, enquanto o grupo liderado pelos Campbell, e depois com a assistência de Scott, defendia para si o termo

---

<sup>6</sup> Fundado por Ashley e Emma Johnson, o seminário nasceu em 1893 como The School of the Evangelists, em Knoxville, Tennessee, sendo renomeado em 1909 como Johnson Bible College. Em 2011 tornou-se Johnson University. Disponível em: <<http://history.johnsonu.edu/index.html>>. Acesso em 10 mai. 2018.

<sup>7</sup> BRAZIL CHRISTIAN WIKI. **Clinton and Phyllis Thomas**. O *site* não se encontra mais disponível, entretanto temos uma captura de tela do acesso original, em 15 ago. 2017.

<sup>8</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. Nossa herança histórica. **Movimento de Restauração**. Disponível em: <<http://movimentoderestauracao.com/2007/04/25/nossa-heranca-historica/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

<sup>9</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. Introdução à História do Movimento de Restauração de Stone e Campbell. **Movimento de Restauração**. Disponível em: <<http://movimentoderestauracao.com/2008/05/26/introducao-a-historia-do-movimento-de-restauracao-de-stone-e-campbell/>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

“discípulos de Cristo”. Os dois movimentos uniram-se no início de 1832. Suas congregações locais são conhecidas como Igrejas de Cristo ou Igrejas Cristãs (*Church of Christ/Christian Church*). A criação das sociedades missionárias iniciou a expansão do movimento pelos Estados Unidos e para outros países.<sup>10</sup>

No século XX, surgiram três correntes no interior do Movimento de Restauração nos Estados Unidos. A primeira é constituída por um grupo mais radical, conhecido como *A Capella*. Um grupo mais liberal e ecumênico reestruturou-se como *Discípulos de Cristo*, enquanto uma terceira corrente formou a comunhão conhecida como *Discípulos independentes*. As congregações dos três grupos, contudo, continuam a apresentar-se apenas como Igrejas de Cristo/Cristãs, referindo-se às correntes apenas quando necessária a identificação.<sup>11</sup>

A primeira iniciativa da Igreja de Cristo no Brasil foi das igrejas *A Capella*, que no final da década de 1920 enviaram três missionários para o Nordeste, os quais estabeleceram igrejas em Pernambuco, Ceará e Alagoas. Com dificuldades devido à falta de apoio, os trabalhos terminaram sendo fechados ou absorvidos por movimentos pentecostais.<sup>12</sup>

Em 1948 os *Discípulos independentes* enviaram ao Brasil o casal David Sanders e Ruth Sanders. Segundo a Igreja de Cristo, Sanders teria tido um sonho em que era chamado como missionário para uma cidade chamada Brasília, da qual nunca ouvira falar e que não estava em nenhum mapa. Enviados ao Brasil, os Sanders desembarcaram no Rio de Janeiro em 25 de março de 1948. Ainda não falavam uma palavra em português e hospedaram-se com a família de um daqueles primeiros missionários, agora nas Assembleias de Deus. Dois meses depois partiram para a região Centro-Oeste. Em Goiânia, os Sanders instalaram em 7 de setembro de 1948 a primeira Igreja de Cristo, como são conhecidas as congregações brasileiras.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> *Ibidem*.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

<sup>12</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. Esboço da presença dos três principais ramos do Movimento de Restauração no Brasil. **Movimento de Restauração**. Disponível em: <<http://movimentoderestauracao.com/2008/04/14/esboco-da-presenca-dos-tres-principais-ramos-do-movimento-de-restauracao-no-brasil/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

<sup>13</sup> UM BREVE histórico sobre Lloyd David Sanders. **Movimento de Restauração**. Disponível em: <<http://movimentoderestauracao.com/2009/02/12/um-breve-historico-sobre-lloyd-david-sanders/>>. Acesso em: 17 out. 2018.

Atualmente, a maior parte das congregações da Igreja de Cristo no Brasil está em Goiás e no Distrito Federal, mantendo projetos missionários, formação teológica, assistência social e o Concílio das Igrejas de Cristo no Brasil.<sup>14</sup> Nas estimativas da World Convention of Churches of Christ, a Igreja de Cristo no Brasil, com todos os ramos presentes no país, totalizava, em 2017, 620 congregações e 117 mil pessoas.<sup>15</sup>

Os registros da Igreja de Cristo indicam que, no período de cinquenta anos, 87 famílias de missionários norte-americanos chegaram ao Brasil, dentre as quais a família Thomas.<sup>16</sup> Questionado sobre o porquê de seus pais terem sido enviados para a região Norte, Tomé Thomas narra: “Meu pai era um mecânico de aviação, que a missão tinha um avião. Só que, quando ele chegou aqui, não precisaram mais dele”. Isso aconteceu em 1954, então “na primeira vez ele voltou [para os Estados Unidos], vendeu as coisas que tinha lá e... veio”, dessa vez em 1956. Segundo as memórias compartilhadas com sua família, Clinton Thomas “gostou do Brasil e quis voltar”.<sup>17</sup>

A região Norte do Brasil configura-se como o espaço de atuação dos Thomas, primeiramente Belém e Macapá.<sup>18</sup> Permaneceram em Belém “na faixa de dois anos”, onde nasceu o primeiro filho. Como “os missionários queriam que ele trabalhasse no outro lado do rio, em Macapá”, a família Thomas mudou-se para o Amapá: “lá onde o segundo irmão nasceu, em Macapá, tinha casa, igreja”. Além disso, o pastor

---

<sup>14</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, **Esboço...** Segundo o articulista, apenas na segunda metade da década de 1950 o movimento *A Capella*, marcado pela rejeição aos instrumentos musicais, retomou missões no Brasil, contando, em 2008, com cerca de 120 congregações no país. O ramo Discípulos de Cristo, de tendência liberal e ecumênica, não possui igrejas locais no Brasil. Em 2008, estavam envolvidos com dois trabalhos sociais, colaborando com presbiterianos e metodistas.

<sup>15</sup> WORLD CONVENTION. **Number of Stone-Campbell Churches and Adherents Worldwide 2017 (alphabetically by country)**. Disponível em: <<https://www.worldconvention.org/resources/profiles/59-countries-nations-and-dependencies-with-no-s-c-presence-out-of-254-in-the-world/number-of-churches-and-adherents-worldwide-alphabetically-by-country/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

<sup>16</sup> O MENSAGEIRO DAS IGREJAS DE CRISTO, abr.-jul./1998, p. 2. Acervo pessoal.

<sup>17</sup> Entrevista com Thomas “Tomé” Joel Thomas, realizada por César Aquino Bezerra, em 19 ago. 2017, em Urucará/AM.

<sup>18</sup> Segundo Agostinho Júnior (**Esboço...**), a igreja de Belém foi iniciada em 1952, e a de Macapá, em 1958.

“tinha um motor de popa, e ele atravessava lá pela ilha de Marajó”. Este dado é um indício de ter sido bem ampla a sua atuação na região.<sup>19</sup>

Ao fim desse período, a família Thomas voltou aos Estados Unidos, conforme relata o colaborador: “59 a 60 ele voltou, passou uns anos lá, quando eu nasci”. Nesses anos, Clinton Thomas trabalhou com torno e foi proprietário de “uma loja de armas no Colorado”, até ser convocado novamente: “mas aí pediram pra ele voltar pra missão”<sup>20</sup>. Nesse momento, a família de missionários procurou uma cidade sem igrejas para iniciar um novo trabalho.

## UM MISSIONÁRIO EM URUCARÁ

Senhoras, Santos e Cruz (2016, p. 143) apontam o papel da Amazônia Legal como *palco capital* da concentração protestante no Brasil, ainda que seja uma região de baixa densidade populacional, chegando a um percentual acima de 30% da população total em estados como o Amazonas. Para que isso acontecesse, os atores-chaves, segundo os autores, são o missionário, o fiel e o pastor-evangelista.

Um desses missionários foi Clinton Thomas. Chamado de volta ao Brasil, Clinton Thomas “veio pra essa área de Urucará”. O trecho entre Belém e Urucará foi feito por via fluvial. Seria a primeira vez em que a família viajaria naquela direção. Tomé Thomas não recupera nenhuma justificativa em especial para a escolha da cidade: “ele queria uma área nova, onde não tinha igreja [...]. Tinha cinco assim, [...] então, aqui era uma, então ele ficou [...] chegou aqui e resolveu ficar”.<sup>21</sup> Vale sublinhar que o nosso colaborador era uma criança de colo no momento da chegada dos seus pais a Urucará. Seus relatos remetem ao processo de construção das memórias compartilhadas pela família, cuja força o fez vivenciar quase “por tabela” (POLLAK, 1992) os fatos marcantes da trajetória dos Thomas.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Entrevista com Thomas “Tomé” Joel Thomas, realizada por César Aquino Bezerra, em 19 ago. 2017, em Urucará/AM.

<sup>20</sup> *Idem.*

<sup>21</sup> *Idem.*

<sup>22</sup> Outros colaboradores, em entrevistas realizadas em 2018, indicam a influência do Pastor Eduardo Lessa, da Primeira Igreja Batista de Parintins, na escolha de Urucará por Clinton Thomas, indicando uma rede de contatos ampla do missionário.

O município de Uruará, na região do Baixo Amazonas, possui uma área de 27.903,534 km<sup>2</sup> e população de 17.094 habitantes.<sup>23</sup> A fundação do seu núcleo original, por Crispim Lobo de Macedo, data de 26 de julho de 1814, quando também já se faz notar o entrelaçamento com a Igreja Católica, pois o fundador instala uma capela em honra a Nossa Senhora de Sant'Ana. Torna-se freguesia em 1880 e é elevada a vila de Sant'Ana de Uruará em 12 de maio de 1887, sendo inaugurado o município em 7 de setembro do mesmo ano. Nesta mesma data é instalada a Paróquia de Uruará. 1892 é o ano em que o nome do município se torna simplesmente Uruará e Leão XIII erige a Diocese do Amazonas, nova territorialidade católica, à qual Uruará é integrada. Diversas configurações, até a atual, enleiam o território de Uruará com outros municípios no decorrer dos anos (SILVA, 2018).

Sendo espaços marcados pela hegemonia do catolicismo, a região de Uruará e o estado do Amazonas atravessaram o início da segunda metade do século XX com transformações para esse segmento religioso. Uma delas relaciona-se com a necessidade de sacerdotes, apontada por Maciel (2014) e Silva (2018), o que sobrecarregava os bispos e padres existentes. Por isso, segundo Silva (2018), em 1960 o arcebispo metropolitano de Manaus convidou os padres canadenses da *Scarboro Foreign Mission Society* para assumirem a Paróquia de Itacoatiara e atuarem nos municípios limítrofes, inclusive em Uruará. Os primeiros padres missionários de Scarboro chegaram a Itacoatiara em julho de 1962.

Nesse ínterim aconteceu o Concílio Vaticano II, um evento de significado global para o cristianismo, aberto em 1962 por João XXIII e encerrado em 1965 no pontificado de Paulo VI. O concílio trouxe significativas mudanças litúrgicas e doutrinárias para a Igreja Católica, incluindo novas direções para o ecumenismo e a pastoral católica (SILVA, 2018).

Outro acontecimento importante foi a criação da Prelazia de Itacoatiara em 13 de julho de 1963 por Paulo VI (SILVA, 2018). A prelazia, além da sede Itacoatiara, onde está situada a Catedral Nossa Senhora do Rosário, é composta pelos municípios de Itapiranga, São

---

<sup>23</sup> IBGE. Uruará. **Censo Demográfico do Brasil de 2010**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/urucara/panoram>>. Acesso em: 17 set. 2017.

Sebastião do Uatumã, Silves, Uruará e Urucurituba. Seu primeiro bispo viria a ser um daqueles missionários de Scarborough.

Nessa conjuntura de transformações para o catolicismo, Clinton, Phyllis e os filhos do casal desembarcaram em Uruará. Sua chegada se deu no dia 8 de abril de 1965, e a primeira reunião da Igreja de Cristo em Uruará ocorreu três dias depois, em 11 de abril, “na sala de visita na casa que o missionário Clinton alugava”, com três homens no primeiro culto, além da família Thomas.<sup>24</sup>

Um desses homens era Arthur Libório, morador de Uruará, que nos leva a perceber a expressão de um messianismo nas representações do missionário Clinton Thomas. Arthur era uma das muitas pessoas presentes na chegada da embarcação, junto com outros curiosos, pois “ele [Clinton] era branco, né, ninguém sabia o que ele tava procurando”. Contudo, o sr. Libório recebeu o pastor e “disse que tava esperando um homem como ele”.<sup>25</sup>

Segundo o processo de rememoração do nosso colaborador, “o pai dele [de Arthur] disse que um dia vinha um homem branco, que vinha trazer um evangelho... e ele achou que aquele era o momento.” O pai de Arthur Libório “disse que um dia viria um homem com ensinamentos da Escritura e pra abraçar a fé”. Esse acontecimento se torna importante na trajetória de Clinton Thomas, fazendo parte das narrativas também contadas pelo missionário: “[quando] visitava as igrejas, ele contava as histórias”.<sup>26</sup> Ou seja, esse episódio se configura como vital na legitimação de sua ação religiosa no interior do Amazonas.

Tomé Thomas confirma a falta de sacerdotes no município e a dinâmica religiosa local: “Não tinha pastor, e, como disse, o padre vinha ocasionalmente, né.” Porém, “depois que ele chegou, aí mandaram o padre, pra ficar aqui, permanente”.<sup>27</sup>

Apesar da provável influência da chegada de um pastor protestante à cidade, este era também o momento de transformações na Igreja Católica, o que se reflete no maior cuidado e atendimento a seus fiéis, bem como nas relações com as outras religiões. Não obstante

---

<sup>24</sup> THOMAS, Timothy. **O significado da Igreja de Cristo ao povo de Uruará.** Manuscrito de 8 abr. 1981, 2 fls. Acervo do pesquisador.

<sup>25</sup> Entrevista com Thomas “Tomé” Joel Thomas, realizada por César Aquino Bezerra, em 19 ago. 2017, em Uruará/AM.

<sup>26</sup> *Idem.*

<sup>27</sup> *Idem.*

as animosidades possíveis entre as duas igrejas, segundo Tomé havia amizade entre os religiosos, “porque a maioria era canadense, então eles conversavam em inglês”, e inclusive “os padres vinham visitar ele”. Entretanto, depois, com outros sacerdotes são desveladas tensões a partir das mudanças articuladas pela Igreja Romana em Urucará: “os mexicanos não se deram tanto com o meu pai”.<sup>28</sup>

A Igreja de Cristo foi a primeira igreja protestante de Urucará, e depois vieram outras denominações; assim, procuramos indagar sobre as relações entre as diferentes igrejas evangélicas do município e se existiam tensões no campo religioso protestante. Nas memórias de Tomé, “sempre tem a crítica de prática. Cada um tem o seu método, não é? De igreja com mais número sempre se acha certa porque o número é maior, mas a Escritura diz que o certo é pouco, e poucos seguem, não é?” Nosso colaborador não detalha possíveis conflitos, mas procura justificar a igreja de seus pais diante das possíveis críticas.<sup>29</sup>

O pioneirismo da família Thomas e da Igreja de Cristo, bem como o crescimento das igrejas evangélicas no município, reflete-se nos números oficiais. Em 2010, segundo o IBGE, 4.052 pessoas em Urucará declaravam-se evangélicas, ou seja, um quarto da população. Se o crescimento das denominações evangélicas coincide com a expansão demográfica no Amazonas (SENHORAS; SANTOS; CRUZ, 2016; OLIVEIRA; PINTO, 2019), a realidade das populações locais e evangélicas em Urucará parece confirmar essa tese.

## **“TODO MUNDO PRECISAVA DELE”**

As memórias sobre Clinton Thomas apresentam-no ajudando pessoas doentes e feridas, “porque não tinha outro para ajudar, né”. Esses conhecimentos tiveram origem na sua mãe, que “era enfermeira”, bem como no aprendizado autodidata: “tinha os livros, estudava antes de vir... era um dom de Deus que ele tinha”. Tomé relata que “qualquer coisa as pessoas corriam com ele naquela época”, o que nos faz perceber sua atuação na área médica como fundamental para sua inserção na cidade.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> *Idem.*

<sup>29</sup> *Idem.*

<sup>30</sup> *Idem.*

A atuação médica de Clinton Thomas não era solitária, mas dispunha da contribuição de um médico brasileiro: “tinha o doutor João Lúcio, que dava amostra grátis pra ele”. João Lúcio era amigo do pastor Clinton e lhe fornecia “medicamentos pro papai trazer, distribuir aqui pro pessoal”. É provável que esse seja o médico que nomeia um hospital na capital amazonense: “eu acho que o Hospital Doutor João Lúcio é o nome dele”. Pastor Clinton “ia em Manaus, numa base de uma vez por mês, fazer compras, e ia visitar o doutor João; sempre tinha um estoque de remédio para mandar pra ele”. Provavelmente, esse fornecimento explique por que Clinton “nunca cobrou medicamento de ninguém”.<sup>31</sup>

As narrativas de Tomé Thomas, bem como as de outros colaboradores, revelam uma rede de relações construídas pelo missionário norte-americano, que incluiria personagens importantes do estado do Amazonas, o que garantiu sua atuação social na região de Uruará.

Clinton Thomas, representado como aquele que supria a carência médica da cidade e região, era bastante procurado. Havia “fila de pessoas”, o que “ocupava bastante tempo” do missionário. Ele atendia em sua residência, e então “as pessoas vinham... com muitos, muitos problemas”. A população contava com Pastor Clinton, “porque basicamente era quem ajudava, né [...] medicamento era com ele, porque não tinha outro.”<sup>32</sup>

Questionado sobre possíveis conflitos entre o missionário e o poder público, Tomé Thomas atesta que as autoridades da cidade apoiavam o trabalho médico do pastor Thomas, “porque todo mundo precisava dele. Se ele doava o tempo dele, ninguém ia empatar ele, né? [...] Tanto faz prefeito, policial, todo mundo confiava nele, no trabalho dele”, desvelando uma legitimação de Clinton Thomas através da atuação na saúde.<sup>33</sup>

Contudo, apesar do aparente apoio das autoridades, a atividade na área médica, que forneceu legitimação à presença de Clinton Thomas em Uruará, bem como garantiu sua representação no imaginário da cidade, não parece se ter dado sem tensões. Os atendimentos médicos do norte-americano completavam uma lacuna

---

<sup>31</sup> *Idem.*

<sup>32</sup> *Idem.*

<sup>33</sup> *Idem.*

nas relações de poder, o que possivelmente não passou despercebido dos poderes estabelecidos.

Ainda que o processo de construção da memória de Tomé Thomas não forneça detalhes, é possível apreender as tensões pela presença e atuação do missionário: “Sempre tem, a diferença de quem está certo ou errado. [...] Mas, se você precisa [da] ajuda de alguém, você não vai brigar com aquela pessoa”. Dessa forma, o missionário “era aceito, porque ele ajudava em outras áreas, além da igreja”, com um trabalho que alcançava “a comunidade em geral, tanto faz católico ou da Igreja de Cristo”.<sup>34</sup>

As relações com as autoridades políticas da cidade de Urucará teriam sido problemáticas em algumas ocasiões, “porque é política, você tem que estar de um lado ou de outro, se você não está... de acordo com o prefeito, você se torna um contra, né, inimigo... e já que ele não participava na política, sempre perseguiam ele”. Segundo o filho do pastor Clinton, as relações com os prefeitos não eram sempre positivas: “alguns se davam com ele, e outros não”, principalmente porque “ele era independente do que o prefeito queria, né”.<sup>35</sup>

As tensões que podem ter surgido na atuação de Clinton Thomas em Urucará nos permitem pensar em uma trajetória atravessada pela noção de Poder, a qual nos envia diretamente aos domínios da Nova História Política (BARROS, 2008). Torres Neto (2019, p. 50) questiona como se estruturam as “relações de poder pela construção e disputa de espaço religioso na Amazônia, isto, outrossim, com o uso de estratégia de ação social”. Assim também, à luz da nova história política, é necessário analisar como essa noção de poder se manifestou nas relações entre o missionário e a sociedade na pequena cidade do norte brasileiro.

Interessou-nos também investigar em que áreas dona Phyllis Thomas atuava. Tomé Thomas relata que sua mãe “tinha *hobbies*, né, de fazer costura, com grupos de mulheres, tecido de metro e meio de tapete, assim, pra conversar e ter algum objeto pra fazer as coisas, né”. Também dava aulas “na escola pública e particular”. Ela ensinava “inglês particular” e trabalhou na Escola Estadual Ramalho Júnior. Quanto à sua atuação na igreja, Tomé fica indeciso por um momento e

---

<sup>34</sup> *Idem.*

<sup>35</sup> *Idem.*

em seguida diz que “ela tinha as partes, né, que ela trabalhava mais com as senhoras, e ele com os homens”.<sup>36</sup>

Como uma ferramenta útil para acessar outros pontos de vista, a história oral também propicia a “compreensão das especificidades das experiências femininas em diferentes contextos” (EVANGELISTA, 2019, p. 99). Qual o lugar da mulher no movimento protestante? E nas ações sociais? Nesse sentido, podemos questionar qual o papel desempenhado por Phyllis Thomas e a (in)visibilidade de outras mulheres nesses ambientes tão generificados.

Após trinta anos em Uruará, Clinton e Phyllis Thomas retornaram definitivamente aos Estados Unidos em 1996, afastando-se das ações missionárias. A inserção social de Clinton e Phyllis Thomas garantiu-lhes o título de Cidadãos de Uruará em 1999, bem como a homenagem com o nome do missionário na primeira Unidade Básica de Saúde da cidade. Para além da atividade missionária, muito provavelmente o exercício de outras ações os situou em uma posição estratégica e legitimadora na sociedade de Uruará.

O veterano missionário Clinton Benjamin Thomas veio a falecer em 21 de abril de 2007, em Knoxville, Tennessee. Foi sobrevivido pela esposa, Phyllis Thomas, ainda residente nos Estados Unidos, pelos três filhos e por vários netos. Dez anos após o falecimento do fundador da primeira igreja protestante em uma pequena cidade do Baixo Amazonas, esta pesquisa se voltou ao desafio de encará-lo como personagem histórico e analisar sua trajetória.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diversos aspectos da história do Amazonas e da Amazônia ainda esperam por investigação científica, para uma tentativa de maior compreensão dessa rica história. Nossa investigação nasce dentro da experiência de historiadores do Baixo Amazonas, principalmente os ligados ao Grupo de Estudos Históricos do Amazonas, cujas pesquisas favorecem os processos históricos da região, utilizando fontes tanto oficiais quanto não-oficiais e, dentro destas, privilegiando a memória de tantos sujeitos nas mais diversas trajetórias.

---

<sup>36</sup> *Idem.*

A construção dos acervos privados, no entanto, sejam de propriedade de historiadores, sejam de particulares, está diretamente conectada à visão do presente sobre o passado, e é a partir daquele que dialogamos com as fontes e interpretações do passado (KARNAL; TATSCH, 2013). Ao historiador não é facultado esquecer essas relações, mas refletir sobre elas quando da escrita da história, sabendo que todo documento histórico é também uma construção.

Ao investigar a trajetória de Clinton Benjamin Thomas e da Igreja de Cristo em Uruará, procuramos inserir-nos no universo de pesquisas sobre as narrativas protestantes na Amazônia, bem como instigar pesquisadores para analisar a trajetória religiosa e social da Igreja de Cristo no Brasil. Nossa pesquisa não se propõe a ser laudatória de um personagem histórico estrangeiro, em uma recuperação de antigos discursos construídos sobre a Amazônia (PIZARRO, 2012), mas tomar sua trajetória em uma perspectiva histórica, religiosa e social, para compreender parte dos processos históricos da Amazônia no século XX.

A atividade missionária da família Thomas na região Norte do Brasil enquadra-se em um movimento mais amplo de crescimento do protestantismo no Brasil e do papel das missões estrangeiras nessa conjuntura, especialmente no Baixo Amazonas. A análise desse caso nos permite entender parte das estratégias protestantes nesses processos de estabelecimento e as relações com o catolicismo dominante. O destaque à atuação social da família Thomas desvela como essas ações não somente legitimaram sua presença, conforme indicado no processo de construção de memória de Thomas Joel Thomas, mas também levaram a tensões com os poderes locais.

Os documentos históricos aqui apresentados, fontes constituídas pela família Thomas e pela Igreja de Cristo, e outras possibilidades que ainda possam ser levantadas demonstram que as dificuldades para uma pesquisa histórica no interior do Amazonas podem ser contornadas com uma comparação entre fontes tão diversas. Considerando a relação entre história e memória, a metodologia da história oral apresenta-se como eficaz para conhecer e analisar a história da Amazônia e dos grupos sociais que a compõem.

Quando reconhecemos as profundas lacunas que persistem, na historiografia amazonense, sobre a história das pequenas cidades como Uruará, podemos ir além dos documentos oficiais e supri-las com a

história oral, que nos permite lancarmo-nos ao desafio de ouvir as vozes plurais do Amazonas, acessando “histórias dentro da história” (ALBERTI, 2014, p.155), além de iluminar novas questões e proporcionar a outros pesquisadores o incentivo para buscar compreender nosso estado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 155-202.
- 2 ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1998. p. 9-34.
- 3 BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 23-79.
- 4 BARROS, José D’Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- 5 BEZERRA, César Aquino; SILVA, Júlio Claudio da. Entre Williamsport e Urucará: a trajetória do missionário Clinton Thomas dos EUA ao Amazonas através de fontes orais. **Gnarus Revista de História**, v. 1, ed. especial, p. 37-45, fev. 2020.
- 6 BEZERRA, César Aquino; SILVA, Júlio Claudio da. História oral e memória: Clinton Thomas e a Igreja de Cristo em Urucará. *In*: BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira *et al.* **Anais IV Encontro Estadual de História: ensino de História no Amazonas, democracia e desigualdades**. 1.ed. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2018. p. 96-108.
- 7 BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- 8 CARVALHO, Sandro Amorim de. **O povo do livro: uma história da inserção do protestantismo em Manaus (1888-1944)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.
- 9 CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de fé no Médio Amazonas**. 2.ed. Manaus: ProGraf – Editora e Gráfica, 2009.
- 10 EVANGELISTA, Marcela Boni. Mulheres e história oral: experiências de (inter)subjetividade. *In*: GATTAZ, André; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro (Org.). **História oral: a democracia das vozes**. São Paulo: Pontocom, 2019. p. 97-116.

- 11 FERREIRA, Marietta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 169-186
- 12 GATTAZ, André; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro (Org.). **História oral: a democracia das vozes**. São Paulo: Pontocom, 2019.
- 13 KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. *In*: PINSKY; Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (Org.). **O historiador e suas fontes**. 1.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- 14 LOPES, João da Silva. **Sociedade, relações de poder e religiosidade no Alto Rio Negro a partir das representações de Dom Frederico Costa**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.
- 15 MACIEL, Elisângela. **Igreja de Manaus: porção da Igreja Universal: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926)**. Manaus: Editora Valer, 2014.
- 16 MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Gênese e estrutura atual dos protestantismos brasileiros num campo religioso em vias de desordenação. **Lusotopie**, n. 5, 1998. Des protestantismes en lusophonie catholique. pp. 299-306.
- 17 MONTYSUMA, Marcos. Memória e esquecimento. *In*: REIS, Tiago Siqueira *et al.* (Org.). **Coleção História do Tempo Presente**: volume 1. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019. p. 46-62.
- 18 OLIVEIRA, Liliane Costa de. **Vida religiosa ribeirinha: um estudo sobre a Igreja Católica e Evangélica no Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012.
- 19 OLIVEIRA, Liliane Costa de; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Estudo das relações sociopolíticas e religiosas em comunidades rurais da Amazônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Ano XI, n. 33, p. 51-70, jan./abr. 2019.
- 20 OLIVEIRA, Liliane Costa de; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Os primeiros passos do protestantismo na Amazônia. *In*: **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 101-125, maio-ago. 2017.
- 21 PANTOJA, Vanda. **Santos e Espírito Santo, ou católicos e evangélicos na Amazônia marajoara**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.
- 22 PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- 23 POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- 24 SENHORAS, Eloi Martins; SANTOS, Alexandre Felipe Pinho dos; CRUZ, Ariane Raquel Almeida de Souza. Expansão do protestantismo no Brasil e

- suas configurações na Amazônia Legal. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 18, n. 25, p. 136-149, dez. 2016.
- 25 SILVA, Francisco Gomes da. **Cronologia eclesiástica de Itacoatiara**. Manaus: Gráfica Ziló, 2018.
- 26 TORRES NETO, Diogo Gonzaga. **A ética protestante e o espírito da Amazônia: os escritos, pensamento e a obra missionária adventista de Leo B. Halliwell**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

### **Sobre os autores**

#### **César Aquino Bezerra**

Atualmente é mestando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH-UFAM). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), desenvolvendo o projeto “Entre Williamsport, EUA, e Urucará, Brasil: a trajetória e implicações políticas do missionário norte-americano Clinton Thomas na Amazônia”. E-mail: cesaraquinobezerra@gmail.com

#### **Prof. Dr. Júlio Claudio da Silva**

Exerce a docência junto como professor adjunto do colegiado de História junto a Universidade do Estado do Amazonas, e também é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas. E-mail: julio30clps@gmail.com